

***SNOWBALL SAMPLING* NO EXERCÍCIO DE REVISAR LITERATURA: NOTAS  
SOBRE O POTENCIAL DIALÓGICO**

SNOWBALL SAMPLING IN THE EXERCISE OF REVIEWING LITERATURE: NOTES  
ABOUT DIALOGICAL POTENTIAL

*SNOWBALL SAMPLING* EN EL EJERCICIO DE REVISIÓN DE LITERATURA: NOTAS  
SOBRE EL POTENCIAL DIÁLOGICO

Camila Ferreira da Silva<sup>1</sup> 0000-0002-6141-9556  
Rodrigo de Macedo Lopes<sup>2</sup> 0000-0002-7047-4530

<sup>1</sup>Universidade Federal do Amazonas – Manaus, Amazonas, Brasil; [cfsilva@ufam.edu.br](mailto:cfsilva@ufam.edu.br)

<sup>2</sup>Fundação Matias Machline – Manaus, Amazonas, Brasil; [rlopes9@gmail.com](mailto:rlopes9@gmail.com)

**RESUMO:**

Onipresente em todas as investigações, a revisão de literatura, para além de uma etapa inicial de mapeamento do conhecimento que direciona tomadas de decisões teórico-metodológicas, tem se autonomizado a ponto de constituir ela mesma uma pesquisa propriamente dita. O presente ensaio acadêmico objetiva compreender o movimento dialógico proporcionado pela revisão de literatura, com vistas a interrogar os encontros promovidos pelo contato com a produção científica. Interessa-nos sobremaneira o potencial de *Snowball sampling* que a revisão de literatura guarda, ou seja, como a busca e a leitura dos textos acabam por sugerir sempre novos textos, em um fluxo em espiral. O ensaio ratifica a centralidade da revisão de literatura no ofício de pesquisa, a qual deve ser compreendida muito para além do formalismo com que geralmente se apresenta nos relatórios de pesquisa, nas dissertações e nas teses.

**Palavras-chave:** revisão de literatura; pesquisa; metodologia; snowball sampling.

**ABSTRACT:**

Omnipresent in all investigations, the literature review, in addition to being an initial stage of knowledge mapping that guides theoretical-methodological decision-making, has become autonomous to the point of constituting research itself. This academic essay aims to understand the dialogical movement provided by the literature review, with a view to interrogating the encounters promoted by contact with scientific production. We are particularly interested in the Snowball sampling potential that literature reviews hold, that is, how the search and reading of texts always ends up suggesting new texts, in a spiral flow. The essay confirms the centrality of the literature review in the research craft, which must be understood far beyond the formalism with which it is generally presented in research reports, dissertations and theses.

**Keywords:** literature review; research; methodology; snowball sampling.

**RESUMEN:**

Omnipresente en todas las investigaciones, la revisión de la literatura, además de ser una etapa inicial de mapeo del conocimiento que orienta la toma de decisiones teórico-metodológicas, se ha vuelto autónoma hasta el punto de constituir la propia investigación. Este ensayo académico tiene como objetivo comprender el movimiento dialógico proporcionado por la revisión de la literatura, con miras a interrogar los encuentros promovidos por el contacto con la producción científica. Estamos particularmente interesados en el potencial de *Snowball Sampling* que encierran las revisiones de literatura, es decir, cómo la búsqueda y lectura de textos siempre

termina sugiriendo nuevos textos, en un flujo en espiral. El ensayo confirma la centralidad de la revisión de la literatura en la profesión investigadora, que debe entenderse mucho más allá del formalismo con el que generalmente se presenta en los informes de investigación, disertaciones y tesis.

**Palabras clave:** revisión de literatura; investigación; metodología; snowball sampling.

## Introdução

O desenvolvimento de uma investigação constitui percurso complexo que alia instâncias nem sempre afinadas entre si, tais como: curso, instituição, orientador e professores, projeto de pesquisa, objeto, referencial teórico, desenho metodológico e, obviamente, mas nem sempre lembrada na literatura especializada, a vida pessoal do próprio pesquisador. Os possíveis conflitos entre tais instâncias expressam a complexidade implicada no fazer científico cotidiano, um trabalho artesanal constante de aproximação e estranhamento com o objeto de investigação e que coloca o pesquisador, inevitavelmente, em uma relação com os demais agentes do campo científico. O ofício de pesquisa é construído, por natureza, a partir de interlocuções. É este aspecto dialógico que constitui o escopo do presente texto.

Se Hissa (2013) afirma que a pesquisa é feita de um processo que se aproxima de um cultivar a compreensão, interessa-nos, pois, tomar à análise o estabelecimento de diálogos na condução de tal processo. Contudo, é preciso advertir que o diálogo para o qual estamos chamando atenção tem sua especificidade, trata-se daquele que, por seu caráter tácito, é usualmente inexplorado no campo acadêmico, propiciado pelo contato com a literatura especializada sobre determinada temática, com especial atenção para a prática da revisão de literatura. Assim, nosso pressuposto é que a atividade de revisar a literatura não se resume a colocar-se em contato com textos, temáticas e abordagens, mas é um momento de interação com outros intelectuais com mediação do texto escrito.

Nesse sentido, e em um contexto de onipresença da revisão de literatura nas pesquisas de áreas do conhecimento diversas – seja como etapa de uma investigação (Vosgerau; Romanowski, 2014), seja como pesquisa do tipo “estado da arte” (Ferreira, 2002) –, o presente ensaio, ao partir das experiências de pesquisa que desenvolvemos na última década no campo da Sociologia da Educação, tem como objetivo central compreender o movimento dialógico proporcionado pela revisão de literatura. Para tal, despimo-nos de quaisquer pretensões correlatas aos manuais de metodologia no sentido de veiculação dos principais métodos e estratégias para um desenvolvimento coerente de uma investigação, e colocamo-nos para o terreno da reflexão em torno do potencial dialógico que o exercício de revisar a literatura

apresenta, posto que toda revisão é, em última instância, a promoção de um diálogo entre sujeitos dispostos no campo científico, sujeitos por vezes apartados temporal, geográfica, linguística e até epistemologicamente, mas que compartilham códigos de trabalho para a elaboração de sínteses que buscam explicar os fenômenos estudados.

Do ponto de vista metodológico, este ensaio situa-se no campo da Sociologia da Educação e se vale de uma abordagem qualitativa, sua principal estratégia consiste na revisão e no diálogo com a literatura especializada – destacando-se uma altercação tanto com autores clássicos quanto com contemporâneos, no sentido de interrogar o papel da ação de revisar bibliografia no âmbito da pesquisa científica.

O texto, que tem como fio condutor este potencial dialógico e a capacidade de *Snowball sampling* da revisão de literatura, é formado por três partes, a saber: em um primeiro momento é analisado o movimento de consolidação da revisão de literatura na atividade científica, ou seja, interroga-se o lugar desta prática no universo da ciência e no cotidiano do pesquisador; no segundo momento do texto lançamos uma mirada específica para a prática de revisar a literatura especializada, com vistas a revelar seus potenciais para além daquilo que tradicionalmente se discute nos manuais metodológicos; e, por fim, o último momento do ensaio responsabiliza-se pela demonstração da capacidade da revisão de literatura de levar o pesquisador a construir e dialogar com uma rede de outros pesquisadores por meio da exploração da produção científica implicada no desenvolvimento de uma investigação.

## **A revisão de literatura e sua consolidação no fazer científico**

O desenvolvimento do campo científico, no que tange à produção de conhecimento, historicamente coloca diferentes pesquisadores em interação uns com os outros. A produção científica, a circulação de seus bens e o consumo desses produtos da ciência são processos inerentes à atividade investigativa e, em conjunto, constituem um ciclo capaz de explicitar o estabelecimento de redes tácitas para a construção deste tipo específico de saber. Como isto se dá, afinal? E ainda: como a revisão de literatura atua neste cenário?

O caráter das diferentes ciências tornou-se tema amplamente discutido pelos historiadores, filósofos e sociólogos da ciência no último século. E, a partir do pensamento de Thomas Kuhn, as ciências naturais ou exatas foram diferenciadas das ciências sociais a partir do constructo analítico de paradigma<sup>1</sup>: para este autor, enquanto as ciências naturais são

---

<sup>1</sup> “O paradigma é o equivalente de uma linguagem ou de uma cultura: determina as questões que podem ser formuladas e as que são excluídas, o pensável e o impensável; sendo simultaneamente um conhecimento adquirido

marcadas por um caráter paradigmático, as ciências sociais são pré-paradigmáticas; isto significa afirmar que nas ciências naturais, quando uma explicação é comprovada, ela é aceita por toda a comunidade e torna-se o paradigma dominante, ao passo que nas ciências sociais há uma impossibilidade de aceitação universal de um paradigma único e absoluto (Kuhn, 1971) – naturalmente no pensamento de Kuhn evidencia-se uma hierarquização nada sutil entre essas diferentes áreas do conhecimento, com um olhar depreciativo para as ciências sociais. Alexander (1987) aponta, então, para o caráter multiparadigmático das ciências sociais como elemento-chave para o entendimento da divisão em escolas e tradições, as quais expressam um desacordo teórico-empírico permanente como uma de suas principais marcas (Brandão, 2001).

Por que razões este debate nos interessa? O rompimento com a ideia positivista de ciência<sup>2</sup> e com a epistemologia de Karl Popper, operado por Thomas Kuhn, coloca em questão a ciência como uma prática social circunscrita, no geral, em processos de sucessão ou de acumulação (Veiga-Neto, 2007). Nesta chave explicativa, se as ciências naturais estariam muito mais próximas de uma prática inscrita em paradigmas sucessivos e não-cumulativos, as ciências sociais, por sua vez, estariam mais próximas de um panorama de coexistência de diferentes paradigmas.

Esta compreensão poderia nos levar a uma falsa interpretação sobre o diálogo e as redes de pesquisadores construídas a partir da produção científica de que tratávamos no início deste tópico, posto que seríamos induzidos a inferir que as ciências naturais e as ciências sociais constituem, por conta da relação que estabelecem com os paradigmas, graus distintos de interlocução com a literatura pré-existente. Quando, de fato, tanto as ciências paradigmáticas, quanto as multiparadigmáticas, comungam da necessidade cumulativa de conhecimentos que são cruciais para seu desenvolvimento. Isaac Newton, ainda no século XVII, explicara este caráter cumulativo da ciência moderna por meio de uma sentença curta que viria a ser amplamente reproduzida desde então: “Se consegui ver mais longe é porque estava aos ombros de gigantes” (Brocke et al., 2009).

Nesse sentido, seja para confrontar paradigmas e organizar consensos, seja para o estabelecimento de diversas teorias e modelos de interpretação sobre um mesmo objeto, as diferentes ciências – e ainda os diferentes ramos no interior destas ciências, como os polos de pesquisa básica e aplicada – partem da necessidade de socialização do que já fora produzido

---

e um ponto de partida, é um guia para a ação futura, um programa de investigações a empreender” (Bourdieu, 2008, p. 29).

<sup>2</sup> É importante ressaltar que, mesmo sendo apresentada uma ruptura com Thomas Kuhn, os ideais positivistas não devem ser tomados como encerrados no século XIX ou mesmo nos séculos posteriores, dada a discussão sobre o neopositivismo contemporâneo (Camargo; Elesbão, 2004).

em seu percurso histórico enquanto área do conhecimento. Tal socialização, que é em última escala um processo educativo (Silva; Alves, 2018), é condição para o que entendemos como avanço científico.

Inteirar-se, pois, do conhecimento historicamente produzido e, a partir disso, ser capaz de interrogá-lo, de colocar-lhe novas questões e de construir hipóteses, caminhos e respostas inovadoras sintetiza a lição aprendida na metáfora de anões em ombros de gigantes. Ao utilizar essa alegoria, Newton sublinha a continuidade que a atividade científica pressupõe, a importância da acumulação de conhecimentos [mesmo daqueles que serão “superados” nas disputas paradigmáticas, pois estes ensinariam que caminhos não seguir] e o diálogo que ele próprio estabeleceu com pensadores que estavam distantes temporal e geograficamente, como o italiano Galileu Galilei, o alemão Johannes Kepler e o polaco Nicolau Copérnico.

Este caso é emblemático para que interroguemos o lugar e o papel da atividade de debruçar-se sobre a literatura precedente no contexto da produção de novos conhecimentos. É possível construir conhecimento científico inédito por meio de uma espécie de “abiogênese tradicional”, ou seja, é possível falar de uma geração espontânea no âmbito do conhecimento científico? Dumez (2011) afirma que um problema científico se localiza nas fronteiras do conhecimento, em uma tensão entre conhecimento e não-conhecimento, ou seja: um problema científico é a equação entre aquilo que já sabemos (e é aqui que se situa o conhecimento historicamente produzido) e aquilo que não sabemos, mas que desejamos alcançar a nível intelectual. O atrito entre o saber e o não-saber, por meio do desenvolvimento de uma investigação, proporciona a construção de novos conhecimentos e, desta forma, evidente se torna a resposta ao questionamento anterior, posto que não há possibilidade de partir do zero para se construir conhecimento deste tipo.

Tal compreensão é, pois, ponto de partida para situarmos o exercício de revisão da literatura no interior do jogo acadêmico. Se a construção do conhecimento científico parte de uma combinação de saberes já existentes com saberes em latência, emerge aqui a relevância das revisões de literatura. Brocke et al., (2009) destacam o papel decisivo que tais revisões têm desempenhado nos estudos e pesquisas acadêmicos, no sentido de mapear as agendas de investigação, mas também de, a partir deste mapeamento, fornecer uma compreensão do estado de desenvolvimento de um tema no interior de uma determinada área. Segundo Garcia (1996, p. 70):

[...] o “aspirante” à consagração científica tem de necessariamente incorporar as idéias, os conceitos, os métodos e as teorias já produzidas e sistematizadas numa construção nova, que tenta superar as anteriores. É assim que fins particulares de

reconhecimento e legitimidade dos produtores individuais acabam se transformando, por uma lógica própria do funcionamento do campo, em algo proveitoso para o progresso da ciência, ou seja, a ampliação do conjunto de conhecimentos científicos.

É verdade que a preocupação de Maria Manuela Alves Garcia, no trecho acima, consiste em discutir a “entrada” no jogo científico e as normas que regem o campo acadêmico, porém, esta concepção bourdieusiana nos auxilia a compreender o processo de conhecimento da tradição como etapa crucial para a formação de novos pesquisadores, os aspirantes. Deste modo, a formação de agentes do campo científico está diretamente relacionada ao desenvolvimento e ampliação da produção deste mesmo campo, o que passa necessariamente pelo conhecimento e reconhecimento do que já fora produzido e publicado pelos pares. Assim, temos pelo menos dois tipos de saberes principais na trama da entrada e consagração científicas, sendo necessário, de um lado, conhecer as leis imanentes do jogo e, de outro, conhecer as obras que historicamente vão compondo e consolidando o próprio campo – como coloca Bourdieu (2003), no caso das leis imanentes, tal domínio depende necessariamente de uma experiência de aprendizagem das lógicas e das práticas esperadas e legítimas pelos agentes que compõem o campo, o que (Silva; Alves, 2018) denominam de uma relação educativa, mesmo que tácita, neste espaço social.

E no caso do exercício de conhecer as obras que edificaram e edificam, junto com os agentes e instituições, determinado campo acadêmico, como ele se dá, afinal? O contato com a literatura especializada é a forma privilegiada de ter acesso às fontes, ideias, reflexões, conclusões, teorias e perspectivas epistemológicas e metodológicas que vêm historicamente desenhando o saber científico no interior dos domínios específicos. Este acesso a bens, que são necessariamente científicos, históricos e simbólicos e partilhados entre os agentes do campo científico, constituiu a base das relações que estabelecemos com pesquisadores apartados temporal, geográfica e academicamente. E é exatamente este potencial de promoção de diálogo, que vem sendo ampliado a partir das novas formas de acesso à produção científica, que acabou por fazer emergir os mais recentes debates em torno do papel da revisão de literatura no ofício do investigador.

O reconhecimento, portanto, da necessidade de caracterizar o fazer científico como um fazer cumulativo – mesmo com as diferentes facetas das distintas áreas do conhecimento, como discutimos anteriormente em acordo com a Filosofia e Sociologia das ciências–, recolocou a revisão de literatura como etapa onipresente em quaisquer pesquisas do tipo científico (Randolph, 2009; Webster; Watson, 2002). Uma prova da consolidação desta prática de revisar a literatura precedente pode ser facilmente visualizada em uma breve consulta aos manuais de pesquisa escritos a partir das últimas décadas do século XX. Além disso, podemos ainda apontar

o consenso entre os editores, avaliadores e pareceristas dos periódicos nacionais e internacionais quanto à relação entre a qualidade de um trabalho e a densidade da revisão de literatura que ele apresenta (Ribeiro Serra, 2015; Reuber, 2010).

Especificando cada vez mais nossa discussão, cabem as interrogações: que lugar ocupa uma revisão de literatura em uma investigação científica? Quais as contribuições que este exercício pode conferir à pesquisa? Como fazê-la? Estas são questões que se colocam para o pesquisador à medida que ele inicia o seu ofício, uma vez que conhecer aquilo que já foi produzido e publicado acerca de seu tema e área torna-se um imperativo. Aprofundaremos este debate, no próximo tópico, em uma abordagem que procura ir além da exposição que pode se tornar puramente mecânica do “como fazer” pesquisa, ou mais especificamente a revisão da literatura, como uma receita pré-fabricada, homogênea e universal.

## Para além dos manuais de metodologia

De forma consensual, os pesquisadores que se dedicaram a tratar da revisão de literatura têm colocado sua definição na prática de mapear o estado teórico de conhecimento sobre determinado tema em um panorama de época (Castro, 2001). Do mesmo modo, compreende-se amplamente a importância desta revisão para os processos de definição dos caminhos de um projeto de pesquisa, uma vez que o contato com o que já foi produzido em outros tempos e espaços possibilita ao pesquisador um interrogar de seu próprio desenho investigativo. A feitura da revisão de literatura é, portanto, em função deste seu papel de ponte com o passado da disciplina e de definidora do percurso da pesquisa, extensamente abordada em manuais de metodologia científica ao redor do mundo: o passo a passo leva em consideração o conhecimento das principais bases e repositórios da produção científica de cada área do conhecimento, bem como de pensadores consolidados e conceitos basilares no âmbito de cada tema de pesquisa, e ainda as capacidades de organização e síntese frente à literatura inventariada.

Neste texto interessa-nos ir além da descrição que já abunda nos manuais de metodologia científica, o que significa subverter o foco procedimental que marca tais livros – que acabam por funcionar quase como um *vade mecum* para os pesquisadores em formação, possibilitando-os consultar os mais apropriados designs metodológicos – e, com isso, trazer à tona uma perspectiva que alia a revisão de literatura ao contato com o patrimônio intelectual de um campo científico.

Para Connell (2019), a pesquisa científica é necessariamente um processo social coletivo: não se circunscreve, como muitas vezes o senso comum propaga, a uma mente genial de um único indivíduo, ao contrário é assentada em um corpo de conhecimento compartilhado por sua comunidade. Esta mesma autora exemplifica esta questão com a feitura de uma tese de doutorado, que inevitavelmente parece a priori um trabalho solitário e puramente individual, mas que na verdade se materializa por meio de relações em grupos de pesquisa, de um compartilhar com diferentes pesquisadores [colegas, professores e orientador] e de um aprendizado tácito das agendas e das regras do campo científico no qual o doutorando está inserido. O contato com a literatura especializada pode figurar nesse debate como mais um elemento significativo na materialização desse caráter de partilha que marca a construção de conhecimento acadêmico e científico.

O processo inicia, ironicamente, olhando para conhecimento antigo. Geralmente pedimos aos estudantes de doutorado que escrevam uma “revisão da literatura” no começo de suas teses, onde eles resumem pesquisas anteriores. Muitos se perguntam por quê. Talvez isto pareça um ritual sem sentido; de fato, isto é vital. O que faz um pesquisador é transformar um estado de conhecimento existente em um novo estado. Quanto mais profundamente o estado de conhecimento existente é compreendido, melhor (Connell, 2019, p. 19, tradução nossa).

Revisar a literatura é, pois, um exercício de estabelecimento de vínculos com autores e autoras cujos trabalhos antecedem o nosso e, por isso, acabam nos servindo de fontes de conhecimento sobre o tema e/ou o objeto e, especialmente, assinalam possíveis abordagens, caminhos, desenhos teórico-metodológicos que comunicam possibilidades ao pesquisador em formação. Segundo Nóvoa (2015, p. 16), “Não há universidade, nem ciência, sem debate, sem partilha, sem transmissão de uma herança” e, nesse sentido, ratificam-se os seguintes elementos do ofício do pesquisador: i) o trabalho coletivo, uma vez que até o mais solitário dos trabalhos no campo científico é originado a partir de um diálogo com a literatura e, portanto, com os pares de um mesmo domínio do conhecimento; ii) a dimensão intergeracional, que se faz presente na relação educativa que está tacitamente colocada no diálogo com pesquisadores mais experientes – aqueles que nos rodeiam numa mesma instituição, e aqueles com quem estabelecemos contato por meio de suas produções científicas –; iii) os encontros, os quais são efetivados com os pares, com a literatura, com o objeto, com os materiais ou corpus de dados e, em última instância, consigo mesmo (Nóvoa, 2015); e, por fim, iv) o caráter público, e aqui temos um grande embate colocado a nível internacional no sentido do acesso aberto às produções científicas, pelo que pode-se afirmar que os movimentos de privatização desta produção têm desembocado em novas formas de mercantilização da ciência, em função de interesses corporativos (Connell, 2019),

dentre as quais destacamos a multiplicação de periódicos e agências que cobram pelo acesso a artigos científicos.

Nesse sentido, o exercício de revisar a literatura consegue condensar um pouco de cada um destes elementos supracitados, posto que sua justificativa se assenta exatamente no reconhecimento da ciência como uma prática social pautada no esforço cumulativo – naturalmente, nos casos das ciências naturais e das ciências sociais, esta noção ganha contornos próprios. Muito para além dos procedimentos técnicos para se realizar uma revisão de literatura, os quais já se encontram amplamente explorados nos manuais, como já afirmamos anteriormente, é preciso sublinhar o potencial que este tipo de revisão possui no âmbito da promoção de um encontro entre o novo e o antigo. O pressuposto de que os novos conhecimentos são construídos a partir dos processos de interpretação e combinação do conhecimento existente (Brocke et al., 2009) é, pois, a base explicativa para a necessidade de dialogar com a literatura especializada no desenvolvimento de investigações científicas.

Do ponto de vista da formação dos pesquisadores, este movimento de fusão entre o conhecimento já existente e consolidado em determinada área do saber e o conhecimento que se pretende novo é crucial tanto para a socialização destes sujeitos no âmbito do funcionamento e das normas do campo científico (Silva; Alves, 2018; Bourdieu, 2008), quanto para a construção de uma base de conhecimento sólida relativa aos conhecimentos legitimados no espaço acadêmico específico em que estes pesquisadores em formação aspiram atuar.

Dumez (2011) assinala que a ideia de “revisão de literatura” assume diferentes sentidos em tradições científicas distintas e, por isso, acaba por figurar em momentos heterogêneos da pesquisa (na elaboração do projeto, na determinação da metodologia ou mesmo como uma seção da monografia), contudo, a relevância do papel de tal revisão, ou seja, de um diálogo com as tradições já consolidadas, é consenso global em todas as áreas do conhecimento. De modo geral, revisar a literatura é condição para o aprimoramento da relevância e do rigor de uma pesquisa científica, posto que, segundo Brocke et al. (2009), a relevância é acurada ao evitar-se a reinvestigação daquilo que já é conhecido, enquanto o rigor constrói-se com o uso eficaz da base de conhecimento existente.

A “pedagogia da pesquisa”, assim denominada por Bourdieu et al. (1999), passa pela compreensão de que o ensino da pesquisa requer experiência em primeira pessoa, a qual deve ser marcada pela inseparabilidade entre teoria, empiria e técnica. Nesse sentido, o contato com a literatura especializada, seu estudo e escrutínio são essenciais para os constantes exercícios de confrontos de que toda pesquisa científica se vale para construir suas próprias trilhas. O cultivo da invenção, da descoberta e da inovação – termos que povoam o imaginário sobre o

ofício dos pesquisadores – somente tem espaço no trabalho científico a partir do diálogo com o conhecimento existente. Esta compreensão é basilar para nossa tentativa de ir além dos manuais de metodologia, que naturalmente cumprem sua função no sentido da formalização lógica da pesquisa, isso porque, para a investigação de modo geral e, para a revisão de literatura, de modo mais específico:

A obediência incondicional a um *organon* de regras lógicas tende a produzir um efeito de “fechamento prematuro” fazendo desaparecer, para falar como Freud, “a elasticidade nas definições” ou, como diz Carl Hempel, “a disponibilidade semântica dos conceitos” que, pelo menos em certas fases da história de uma ciência ou do desenrolar de uma pesquisa, constituem uma das condições da invenção. Não se trata de negar que a formalização lógica considerada como um meio de colocar à prova a lógica em ato da pesquisa e a coerência de seus resultados constitui um dos instrumentos mais eficazes do controle epistemológico; no entanto, essa utilização legítima dos instrumentos lógicos serve, frequentemente, de caução à paixão perversa por exercícios metodológicos que têm como única finalidade discernível permitir a exibição do arsenal dos meios disponíveis. Diante de certas pesquisas concebidas como prova lógica ou metodológica, não é possível deixar de pensar, com Abraham Kaplan, na conduta do ébrio que, tendo perdido a chave de casa, procura-a obstinadamente ao pé de um lampião, sob o pretexto de que aí está mais claro (Bourdieu et al., 1999, p. 18, grifos dos autores).

Para o nosso debate sobre a revisão de literatura, isso significa que a formalização do processo de revisar a produção sobre determinado tema não pode tornar-se uma ação puramente mecânica, de mera aplicação de um ordenamento de fases de levantamento, seleção, leituras flutuantes e sínteses descritivas em torno da literatura. A repetição automática e quase maquinal do levantamento e da leitura de um corpo de publicações, no caso da revisão de literatura, pode impedir movimentos cruciais para a formação e amadurecimento do pesquisador, tais como: as descobertas do conhecimento já estabelecido no campo; as dúvidas, avanços e recuos; a construção e desconstrução de hipóteses e pressupostos; o confronto teórico-metodológico necessário para o estabelecimento de uma abordagem, entre outros. Por outro lado, despir-se dos automatismos frente à literatura especializada permite um exercício de interrogar o objeto de pesquisa e de ultrapassar as pré-noções construídas na e pela linguagem comum do cotidiano que nos atravessa a todos.

Para Dumez (2011), podemos afirmar que uma revisão de literatura foi bem-sucedida quando a temática sobre a qual o pesquisador iniciou seu percurso de buscas cheio de entusiasmo parece-lhe absolutamente conhecida, com uma banalidade avassaladora e profunda – é aqui que se torna possível a definição mais sólida de sua problemática de investigação, bem como da originalidade de sua abordagem. Perder-se na literatura para achar-se no desenho de sua própria pesquisa é, pois, o sentido que parece conseguir unir os polos da familiaridade e do estranhamento, os quais constituem a dialética desejável para os processos de construção do

conhecimento científico. É exatamente neste sentido que Connell (2019) reafirma a importância de se apreender o conhecimento já estabelecido, ao passo que o trabalho científico não se contenta em reproduzi-lo, posto que a construção de novo conhecimento, por definição, avança com relação ao saber anterior. Nesse sentido, temos que todo projeto de pesquisa mira dois sentidos ao mesmo tempo: para trás, para o passado, com o que já figura socializado no campo científico; e para frente, para o futuro, com o conhecimento que se pretende construir.

### ***Snowball Sampling* no exercício de revisar literatura**

No processo de unir passado e futuro, por meio da revisão de literatura e de seu impacto nas reconfigurações de um projeto de pesquisa, estabelecem-se diálogos que superam barreiras históricas, geográficas e linguísticas. É sobre tais diálogos que nos debruçamos neste último tópico, tomando-os como peça capital para a feitura de uma pesquisa com envergadura enriquecida pelas muitas vozes que ecoam em um trabalho científico.

Concordamos com Hissa (2013, p. 40), ao afirmar que “[...] o mundo sob leitura é feito de vozes. Essas vozes expressam desejos, valores, faltas, frustrações e vontade de transformação do mundo”. As vozes que emergem da revisão de literatura promovem um permanente diálogo entre pesquisadores muitas vezes apartados espaço, temporalmente e de diferentes gerações – o que nos permite compreender que um trabalho científico é um produto de autoria do intelectual sempre em relação de interlocução com os pares no interior de um determinado campo científico. Este potencial dialógico da revisão de literatura é uma das bases da construção de novos conhecimentos científicos, isso porque apreender a lógica própria e as tradições epistemológicas da área na qual se procura inserir é condição para o desenvolvimento de produções acadêmicas. Dois autores defendem essa ideia de que é necessário que o pesquisador em formação conheça o seu próprio campo de pesquisa: Becker (2007) demonstra, com exemplos das investigações que conduziu nos Estados Unidos, a importância de inteirar-se do pensamento e das investigações realizadas pelos autores que o antecederam para os próprios processos de definição do desenho de um projeto de pesquisa; Nóvoa (2015), por sua vez, ao se dirigir aos jovens investigadores que se encontram em momento formativo, argumenta que é preciso conhecer bem as regras da ciência na qual se pretende posicionar até para, eventualmente, ser capaz de transgredi-las no sentido do avanço do conhecimento.

Nesse contexto, interessa-nos um aspecto bastante particular que o exercício de revisão de literatura é capaz de provocar: o diálogo intergeracional que se dá entre leitor e autor acaba por estabelecer uma relação educativa e pedagógica entre tais sujeitos, à medida que a etapa de

leitura do material selecionado no levantamento bibliográfico da revisão de literatura leva o leitor a interessar-se e consultar as próprias referências utilizadas pelos autores que está a ler. O que isto significa, afinal? Significa que a revisão de literatura, além do movimento amplamente discutido em torno da retomada, reflexão e redimensionamento das questões que alimentam o projeto de pesquisa (Dumez, 2011), provocam inúmeras “descobertas” de outros tantos materiais bibliográficos.

Isso porque se pode estabelecer aqui uma espécie de analogia com a técnica de recrutamento de sujeitos numa pesquisa denominada “*snowball sampling*”<sup>3</sup>, ou bola de neve, uma vez que as leituras realizadas a partir do material selecionado levam o pesquisador a outras referências que se mostram igualmente interessantes para a sua investigação, as quais acabam por se transformar em leituras complementares a posteriori. Segundo Hissa (2013, p. 114), “Leituras sugeriram leituras”, e no caso da revisão de literatura, destaca-se que esse movimento de sugestão literária esconde a possibilidade de o leitor reconstruir os movimentos de leitura de seu interlocutor, ou seja, do autor de que ele está se valendo para incorporar as tradições consolidadas de seu campo científico. Esta complexa teia nos mostra que, em um texto científico, as referências são, na verdade, pistas dos caminhos que seu autor tomou para a feitura de seus empreendimentos acadêmicos.

Sabendo da impossibilidade de esgotar tudo aquilo que se tem produzido em determinada área do conhecimento, reconhece-se que a revisão de literatura opera necessariamente recortes interessados no universo das publicações científicas, ou seja, é preciso levar em consideração os trabalhos que mais interessam epistêmica, teórica e metodologicamente ao que se pretende desenvolver. Tais recortes, atrelados ao movimento de *snowball sampling* acarretado pela revisão de literatura, colocam o pesquisador em uma posição privilegiada no âmbito da construção de um mapeamento da produção científica sobre determinado tema, posto que tacitamente lhe são disponibilizados os referenciais com os quais os autores que o antecedem trabalharam.

O que Alves (1991) denomina de “focalização progressiva do problema” – processo centrado no amadurecimento do olhar para as questões que circundam o objeto de uma investigação científica – ganha nesse cenário um sentido compartilhado, pois o exercício de revisar a literatura permite que esta focalização ocorra a partir de um diálogo com pesquisadores

---

<sup>3</sup> *Snowball sampling* ou “Amostragem Bola de Neve” é uma técnica de amostragem não-probabilística bastante utilizada em pesquisas sociais. A utilização desta técnica prevê que os participantes iniciais de uma investigação indiquem novos participantes e assim sucessivamente, até que seja atingido o objetivo proposto (Baldin; Munhoz, 2011).

especializados cujas investigações já se encontram revisadas por seus pares, publicadas e consolidadas. As vozes que emanam, pois, da literatura revisada advêm tanto dos textos selecionados com base nos parâmetros traçados para a realização do levantamento bibliográfico, quanto dos referenciais que serviram de base para esta produção, o que significa que estamos a falar de uma relação tripla e intergeracional, formada por: i) o pesquisador que está a revisar a literatura, ii) os autores que este pesquisador vai selecionando, e iii) as referências que emergem dos textos dos autores selecionados.

O contato e o manuseio da literatura, colocados os limites próprios de qualquer revisão de literatura, permitem ao pesquisador não somente um conhecimento do campo científico, de sua agenda de pesquisa e de suas tendências temáticas, permitem ainda um conhecimento de si próprio enquanto pesquisador. O exercício de revisar a literatura, nesse sentido, vai além de possibilitar um mero levantamento de textos para recheiar as referências de um trabalho acadêmico; ele possibilita um mapeamento do que se tem produzido, ao passo que proporciona uma constante troca de ideias entre pesquisadores distantes temporal e espacialmente, a qual é crucial para a formação em pesquisa.

O processo de *snowball sampling* na revisão de literatura acontece exatamente por esse diálogo entre pesquisadores. Aquele que publicou um artigo, uma tese ou qualquer outro tipo de texto comunica àquele que está em processo de construção e desenvolvimento de sua pesquisa elementos cruciais de sua própria experiência, nomeadamente: seu percurso, suas descobertas, suas idas e vindas, seus impasses, seus avanços, os textos com os quais esteve em contato para a feitura do trabalho e, por meio desses textos, os sujeitos com os quais esteve em diálogo e que, por sua vez, também lhe sugeriram insights, ideias, novos olhares para seu objeto e outros textos e sujeitos. É aqui que reside a riqueza da experiência de revisar literatura, e que vai necessariamente muito além do passo a passo mecanizado que reproduzimos nos manuais de metodologia científica e nos cursos homônimos na graduação e na pós-graduação.

A rede que vai se construindo por meio dessas vozes que marcam a revisão de literatura é, na verdade, a maior e mais diversificada rede de pesquisa da qual se pode falar, posto que, mesmo sem acordo algum de cooperação formal, hoje pesquisadores do mundo inteiro têm cada vez mais acesso à literatura, à produção especializada e, a partir disso, constituem diálogos globais sem se dar conta. Ao reconhecer o quão caótico pode parecer o processo de construção do conhecimento científico, Connell (2019) o interroga se perguntando, afinal, como ele não desmorona, sua resposta se pauta na sólida formação dos pesquisadores. Esta solidez fundamenta-se neste caráter colaborativo que subjaz todo o fazer científico. O caráter

cumulativo de que falávamos em tópico anterior expressa-se nessa rede inevitável de cooperação na qual a construção de novo conhecimento científico historicamente se pauta.

Ademais, sempre que lemos um texto e nos excitamos – positiva ou negativamente, concordando ou não – não somente com o que o autor coloca, mas também com suas fontes literárias, com as paráfrases, com os usos dos constructos e conceitos, de um modelo ou de uma teoria, estamos diante de um movimento de snowball sampling proporcionado pela revisão de literatura. Nossa defesa aqui vai exatamente na direção de trazer esses movimentos para o primeiro plano, para que se possa tirar ainda mais proveito deles nos encontros entre o antigo e o novo de que a ciência se alimenta.

## Considerações Finais

Sabe-se que “[...] pesquisar é construir cartografias para além dos mapas, ir além dos lugares representados pelos croquis, fazer percursos e mapeamentos enquanto se faz a trajetória” (Hissa, 2013, p. 45). A mudança é uma marca do processo de construção de conhecimento científico, uma vez que o exercício de refletir sobre a pesquisa que se está a desenvolver marca sua materialização do início ao fim, e nesse contexto a aproximação com a literatura especializada cumpre um importante papel na tomada de consciência do trabalho do pesquisador enquanto um sujeito posicionado em um campo e em um ofício que são essencialmente coletivos. Com o objetivo central de compreender o movimento dialógico proporcionado pela revisão de literatura, que coloca o pesquisador em formação em contato com outros intelectuais apartados tempo e espacialmente, este ensaio se colocou a tarefa de objetivar a atividade de revisar o conhecimento existente em determinada área para além dos mecanismos formais que povoam os manuais de metodologia científica e o próprio imaginário de pesquisadores em formação em diversos domínios do conhecimento.

Sem desprezar o passo a passo veiculado nesses manuais, preocupamo-nos aqui em demarcar a potencialidade da revisão de literatura no sentido das vozes que dela emanam e de como corrobora o caráter coletivo da ciência enquanto prática social, o que é parcamente abordado na literatura especializada no Brasil. Como demonstramos, a revisão de literatura se consolidou ao redor do mundo como etapa de uma pesquisa básica ou aplicada mais ampla, ou ainda como uma investigação propriamente dita, como nos casos das pesquisas denominadas “estado da arte” ou “estado do conhecimento”.

Tal consolidação acarretou movimentos complexos e contraditórios do uso da revisão de literatura em diferentes áreas do saber, pelo que se faz mister resgatar o debate em torno das

possibilidades reflexivas que ela representa para a formação dos pesquisadores em diferentes níveis, dentre as quais destacamos: o diálogo entre passado e futuro, ou seja, entre o conhecimento já consolidado e o conhecimento que se pretende construir; o caráter colaborativo do trabalho dos pesquisadores, uma vez que o campo científico nos conecta a todos, mesmo que seja por meio da leitura das publicações de diferentes agentes e grupos; a função educativa e pedagógica que a relação intergeracional ocasionada pelo contato com a literatura proporciona, e que acaba por fazer-nos aprender com pesquisadores experientes e também com jovens investigadores; o movimento *Snowball sampling* que a revisão de literatura provoca, no qual tacitamente se constrói uma relação de recomendação e compartilhamento de obras entre leitor e autor.

Desse modo, a revisão de literatura deve ser compreendida muito para além do formalismo com que geralmente se apresenta nos relatórios de pesquisa, nas dissertações e nas teses, uma vez que é responsável por provocar o pesquisador a pensar seus próprios caminhos investigativos, em um processo de colaboração no qual muitas vezes se fazem presentes conectando gerações, espaços e tempos de pesquisa. A leitura da produção científica que nos antecede é, pois, condição para o processo de amadurecimento intelectual dos pesquisadores em formação, é a partir dela que esses sujeitos vão se tornando capazes de ultrapassar a repetição de ideias e pensamentos e passar a construir interpretações, redesenhos e reinvenções próprias. Este é o caminho para a construção de um conhecimento cada vez mais autônomo e, conforme assevera Ureta (2022), para a própria formação de sujeitos produtores de conhecimento e saberes.

### **Agradecimento**

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

### **Referências**

ALEXANDER, Jeffrey. O novo movimento teórico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 2-28, 1987.

ALVES, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 77, p. 53-61, 1991.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE), 10, 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC-PR, 2011. p. 329-341. Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398\\_2342.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf). Acesso em 21 dez. 2022.

BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

(Coleção Nova Biblioteca de Ciências Sociais).

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa, PT: Edições 70, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Edições Fim de Século, 2003.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BRANDÃO, Zaia. A dialética micro/macro na sociologia da educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, p. 153-165, 2001.

BROCKE, Jan Vom et al. Reconstructing the giant: on the importance of rigour in documenting the literature search process. **ECIS**, ed. 10, p. 1-14, 2009.

CAMARGO, José Carlos Godoy; ELESBÃO, Ivo. O problema do método nas ciências humanas: o caso da geografia. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 03, n. 06, p. 7-18, jul./dez. 2004.

CASTRO, Aldemar. **Planejamento da pesquisa**. São Paulo: AAC, 2001.

CONNELL, Raewyn. **The good university: what universities actually do and why it's time for radical change**. London: Zed Books Ltd., 2019.

CREASE, Robert P. **A Brief Guide to the Great Equations: The hunt for cosmic beauty in numbers**. Boston: Little, Brown Book Group, 2008.

DUMEZ, Hervé. Faire une revue de littérature: pourquoi et comment? **Le Libellio d'AEGIS**, v. 7, n. 2, p. 15-27, 2011.

ECO, Umberto. **Nos ombros dos gigantes**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

GARCIA, Maria Manuela Alves. O campo das produções simbólicas e o campo científico em Bourdieu. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 97, p. 64-72, maio 1996.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Entrenotas: Compreensões de pesquisa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

KUHN, Thomas. **La estructura de las revoluciones científicas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1971.

NÓVOA, António. Carta a um jovem investigador em Educação. **Investigar em Educação**, Braga, v. 2, n. 3, p. 13-22, 2015.

RANDOLPH, Justus. A Guide to Writing the Dissertation Literature Review. **Practical Assessment, Research, and Evaluation**, v. 14, n. 13, p. 1-13, 2009.

REUBER, Rebecca. Strengthening your literature review. **Family Business Review**, n. 23, p. 105-108, 2010.

RIBEIRO SERRA, Fernando Antonio. Comentário editorial: A construção da revisão de literatura. **Revista Ibero Americana de Estratégia**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 1-5, 2015.

SILVA, Camila Ferreira da; ALVES, Mariana Gaio. As aspirações dos Aprendizes: Doutorandos em Educação no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 48, n. 167, p. 280-308, jan./mar. 2018.

URETA, Carlos Moya. Investigación universitaria y formación en posgrados. **Contexto & Educação**, Unijuí, ano 37, n. 116, p. 198-212, jan./abr. 2022.

VEIGA-NETO, Alfredo. Paradigmas? Cuidado com eles! In: COSTA, Marisa Vorraber (Org). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2007. p. 35-47.

VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014.

WEBSTER, Jane; WATSON, Richard. Analyse the past to prepare for the future: writing a literature review. **MIS Quarterly**, v. 26, n. 2, p. xiii-xxiii, 2002.

## **SOBRE OS AUTORES**

**Camila Ferreira da Silva**. Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Nova de Lisboa, com Bolsa Erasmus Mundus. Docente na Universidade Federal do Amazonas. Líder do Grupo de Pesquisa em Sociologia Política da Educação – GRUPESPE/UFAM.

Contribuição de autoria: autora.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3520518346076110>.

**Rodrigo de Macedo Lopes**. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente na Fundação Matias Machline. Membro do Grupo de Pesquisa em Sociologia Política da Educação – GRUPESPE/UFAM.

Contribuição de autoria: autor.

Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/9896442844153801>.

## **Como referenciar**

SILVA, Camila Ferreira da; LOPES, Rodrigo de Macedo. *Snowball sampling* no exercício de revisar literatura: notas sobre o potencial dialógico. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 3, n. 3, e14789, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22481/redupa.v3.14789>.